

LEITURA CRÍTICA E AS CONTRIBUIÇÕES DE CONCEITOS EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO PARA O ENSINO DE INGLÊS INSTRUMENTAL

Shalatiel Bernardo Martins
Universidade Regional do Cariri

Larisse Carvalho de Oliveira
Universidade Regional do Cariri

RESUMO: Considerando a importância dos processos de internacionalização, principalmente na esfera acadêmica, apresentamos, neste estudo, a relação entre os aspectos do processo interacionista de leitura (PAIVA, 2009), a Abordagem Funcionalista de Tradução (NORD, 1997) e o conceito de Tradução Pedagógica de Lavault (1985). Objetiva-se proporcionar o desenvolvimento da competência leitora e o melhoramento da capacidade de interpretação de aprendizes de língua inglesa, dentro da perspectiva de ensino e aprendizagem de Inglês Instrumental. Intentamos, também, ampliar a visão de leitura para aspectos do além-linguístico fundamentado no estruturalismo, envolvendo aspectos socioculturais que são inerentes à língua. Por fim, sugerimos formas de se trabalhar na perspectiva da leitura crítica, considerando o funcionalismo tradutório e as atividades que envolvem a tradução pedagógica como aliados em sala de aula de Inglês Instrumental.

PALAVRAS-CHAVE: Inglês instrumental; Funcionalismo Tradutório; Leitura Crítica.

ABSTRACT: Taking into consideration the importance of the processes of internationalization, especially in the academic field, we present in this study the relationship among the aspects of the interactionist process of reading (PAIVA, 2009), the Functionalist Approach to Translation (NORD, 1997) and the Pedagogical Translation concept of Lavault (1986). This paper aims at providing the development of reading competence and at the improvement of English learners' ability of interpretation, regarding the perspective of teaching and learning English for Specific Purposes (ESP). We also intend to broaden the reading vision for aspects from beyond linguistic based on structuralism, involving sociocultural aspects that are inherent to the language. Finally, we suggest ways of working in the perspective of critical reading, considering the translation functionalism and the activities that involve pedagogical translation as allies in ESP classroom.

KEY-WORDS: ESP; Translation Functionalism; Critical Reading.

INTRODUÇÃO

O trabalho com o Inglês Instrumental envolve alguns fatores que vão desde a conscientização de que existe uma grande diversidade de expectativas dos estudantes nessa modalidade de ensino, até o trabalho metodológico e didático, por parte dos professores, de corroborar para a visão dessa vertente da língua como uma ferramenta de trabalho. O professor é aquele que conduz o aprendiz a atingir seu objetivo, seja para desenvolver um nível satisfatório de leitura e de interpretação, em língua inglesa, para fins acadêmicos; ou

elaborando materiais e criando estratégias para transformar o texto de língua estrangeira mais palatável àqueles que não a dominam. No que concerne à interpretação, destacamos Porfírio (2006) quando afirma que interpretar significa produzir sentidos com base em um código linguístico, ou seja, compreender e reformular as ideias expostas. Tal fator aliado ao conhecimento de mundo dos leitores será uma característica de grande importância durante a leitura (LUPO et al, 2017), uma vez que envolve a própria motivação daquele que lê. Ademais, cabe ainda ressaltarmos a virada cultural ocorrida nos estudos da tradução (SCHÄFFNER, 2003), que possibilitou a abertura de novos estudos dessa área em confluência com aqueles culturais, ideológicos e políticos.

A partir dessas reflexões, este trabalho tem por objetivo associar aspectos do processo interacionista de leitura (PAIVA, 2009) à abordagem funcionalista de tradução (NORD, 1997), bem como aos conceitos de tradução pedagógica de Lavault (1986) em prol do melhoramento da capacidade de interpretação dos aprendizes de língua inglesa, em sua perspectiva instrumental, através da habilidade de leitura e de interpretação textual. Admitimos que o processo interacionista de leitura partilha de alguns pressupostos da abordagem funcionalista de tradução e muitas das atividades que permeiam o conceito de tradução pedagógica. A título de exemplo, citamos o pensamento que tanto a leitura quanto a tradução são realizadas dentro de um contexto sociocultural que esteja próximo a realidade do aprendiz.

Ao imbricar essas relações entre o funcionalismo tradutório e o interacionismo entre texto e leitor na forma da leitura crítica pode-se propiciar aos alunos uma melhor compreensão dos aspectos de leitura em língua estrangeira (LE). Desenvolvemos essas reflexões a partir do estudo das áreas citadas e da percepção de tais semelhanças entre elas. Ressaltamos que esse estudo não intenta determinar uma regra no uso dessa ou daquela área dentro dos estudos sobre leitura. Contudo, reconhecemos que essa união pode potencializar

novas formas de se realizar a leitura crítica-reflexiva, principalmente em contexto de ensino de Inglês Instrumental, que se preste ao trato de outros aspectos, como aqueles de ordem pragmática e cultural. Optamos por apresentar discussões acerca do processo interacionista de leitura, convergindo com a visão de leitura crítica, que será exposta na seção seguinte, considerando as asserções de Paiva (2009), Nord (1997) e Lavault (1986). Em seguida tratamos da metodologia do trabalho, até desembocarmos no que consiste em nossos resultados e análises. Por fim, salientamos algumas considerações, no que toca aos resultados obtidos e sua relação com o todo discutido nesse trabalho.

INTERACIONISMO E LEITURA CRÍTICA

O diálogo entre duas teorias não é algo pertinente apenas à leitura, uma vez que é comum a todas as ciências (LEFFA, 1999). No âmbito histórico dos estudos sobre a leitura, a interrelação entre o processo ascendente e o descendente (*botton-up e topdown*) era quase que inevitável. A partir do final dos anos de 1970 e início dos anos de 1980, esse processo interacional passou a ser estudado. A interação entre o texto e o leitor, chamado de processo interacional ou interativo, é um processo que se consolidou em meados de 1990 (LEFFA, 1999). De acordo com Castela (2009), tal processo consiste na utilização simultânea dos processos ascendente e descendente, acontecendo uma interação entre aspectos verbais e não verbais, bem como a utilização do conhecimento prévio (*backgorund knowledge*). Todos esses elementos unidos corroboram para a compreensão do significado empreendido pelo leitor, que a partir daqueles, agregados ao seu conhecimento de mundo, formula um todo de significação para o auxiliar durante a leitura.

Esse modelo interacional de leitura teve como base a teoria dos esquemas (conhecimento prévio) que pode ser encontrado em Carrel (1983). Segundo esse modelo, para se alcançar o objetivo da leitura, o leitor deve ativar seus conhecimentos prévios e, dessa

forma, criar modelos mentais para a interpretação dos textos lidos. Monteiro (2003) afirma que esse modelo interacional mencionado, anteriormente, visava a um tipo de aperfeiçoamento do processo descendente e de elementos cognitivos entrando em ação concomitantemente.

Pesquisas recentes no campo da leitura, como a de Sevilla-Morales (2017), tratam da performance dos estudantes em exames nacionais, na Costa Rica, discutindo a leitura intensiva dentro de uma escala de compreensão, juntamente com os princípios da teoria de esquemas e da compreensão da leitura em andaimes (*scaffolded reading comprehension*). Como resultado, o autor descobriu que a leitura intensiva focalizada em amostras dos exames nacionais foram essenciais para a performance satisfatória dos estudantes. No entanto, ressalta que os processos de leitura em andaime nem sempre podem ser os mesmos para todos os estudantes, uma vez que uma parcela pode necessitar de mais etapas de preparação.

Ainda, dentro da perspectiva interacionista de leitura, Castela (2009) elenca cinco processos diferentes de interação, a saber: i) a interação que ocorre entre os processamentos da informação – o que, em suma, seria a relação entre processo ascendente e descendente; ii) a interação leitor-autor enxergando a leitura como uma negociação de significado; iii) a interação leitor-texto em que se realiza a reconstrução dos sentidos através de marcas textuais; iv) a interação entre diferentes tipos de conhecimento como, por exemplo, a relação entre níveis sintáticos, semânticos, lexicais e etc.; e v) a interação entre o leitor e o outro, ou seja, a construção de um significado através das relações sociais, sendo a presença de uma outra pessoa indispensável. Esses aspectos reforçam a importância de se construir um ambiente interacional para o desenvolvimento de uma leitura satisfatória.

Monteiro (2003) destaca também o componente social dentro do ensino de leitura. O ato de ler passa, nessa corrente, a ser não mais um ato solitário e sim, o constructo que desemboca em uma ação coletiva de construção de significados através da interação com o

outro. Isto é, é na interação com seus pares que o aprendiz consegue se desenvolver e aferir novas significações ao que ler, exercendo a função de coautor. Marcuschi (2008), por sua vez, define leitura como uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentido, baseada nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização. O autor afirma que essa atividade requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo. Os saberes mencionados pelo autor estão relacionados não só ao conhecimento textual do aluno, mas também ao seu conhecimento extralinguístico.

Apesar de não mencionar os estudos culturais como um fator responsável pelo processo interacional de leitura, o autor salienta que esses conhecimentos extralinguísticos são influenciados pelas ações dos aprendizes. Aquele que tem mais acesso a leituras diferenciadas, conseqüentemente, interagiria com maior facilidade com o texto, pois, teria maior vocabulário e conhecimento de mundo acerca daquele assunto. Enquanto que aprendizes com pouca prática de leitura teriam mais dificuldade de interagir com as ideias que permeiam o texto.

Essa percepção de leitura, a partir da noção interacionista, surgida nas primeiras décadas do século XXI, considera tanto conceitos sociais (de interação), quanto elementos culturais, citados por Marcuschi (2008). Como professores de Inglês Instrumental, admitimos que isso tem se tornado uma forma de engajar os alunos na leitura, sem que esse processo seja cansativo ou entediante, dado ao fato de muitos leitores não se sentirem confortáveis quando leem em uma LE. Essa corrente mais funcionalista, que foca no processo leitor e não apenas em seu resultado, não exclui o processo interacional, muito pelo contrário, ela chega de forma complementar ao passo em que introduz a concepção de contexto que Paiva (2009) explica como a interação viva entre os atores na leitura: o texto, o leitor e o contexto. Ler vai muito além de entender o que se está no ‘papel’ e relacionando significados com experiências

prévias, exigindo que o leitor entenda o antes do texto escrito e que ele esteja consciente de quais circunstâncias o levaram até esse texto e principalmente a que propósito ele se dá. Propósito esse que constitui peça fundamental na abordagem funcionalista de tradução, como veremos na próxima seção.

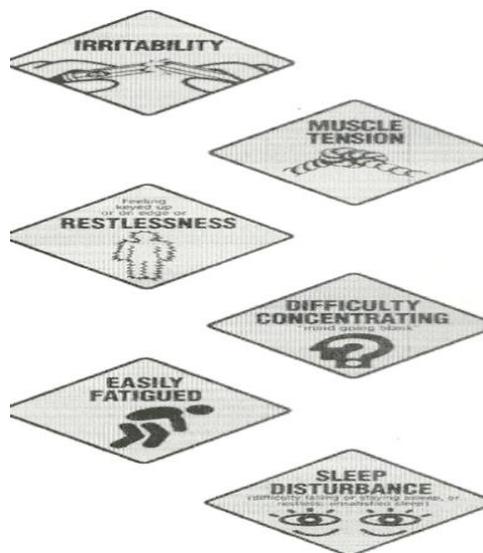
ABORDAGEM FUNCIONALISTA DA TRADUÇÃO

A abordagem funcionalista de Nord (1997) foi pensada, inicialmente, para os tradutores profissionais, que se opõem aqueles que a fazem em sala de aula. Nesse trabalho entendemos que a tradução é utilizada em salas de aula de Inglês Instrumental seja pelo professor, seja pelo aluno, para corroborar para a compreensão do todo – o texto – ou partes de atividades. Dessa forma, o tradutor nesse contexto é um desses atores da educação, nomeamos ele então de ‘tradutor pedagógico’. Deve-se considerar, portanto, que esses personagens não precisam traduzir como profissionais, mas que necessitam ter um propósito para o uso tradutório.

Esse propósito é um dos pilares dessa teoria de tradução, o aprendiz deve estar ciente da utilização daquele tipo de tradução. Um exemplo de tradução com uma finalidade seria a utilização das placas de trânsito para a simplificação das regras que regem o tráfego nas cidades, ou mesmo o uso das cores do semáforo para criar representações não verbais, o que Jakobson (1959/2000) chama de tradução intersemiótica.

Materiais didáticos dos mais variados, de Inglês Instrumental, trazem o uso das categorias de tradução em seu escopo para tornar a leitura dos alunos que o utilizam mais fácil (VIEIRA, 2000). À guisa de exemplo, Munhoz (2010) faz uso de uma série de placas de trânsito com algumas palavras e símbolos em consonância com seus respectivos vocábulos. A autora, em seu prefácio, admite que o uso das imagens é muito importante para que o leitor entenda palavras que ele não consegue achar em dicionários.

Figura 1 – Placas de trânsito



(MUNHOZ, 2010, p. 16)

Cacho (2011) afirma que na sala de aula de LE, inclusive na de Inglês Instrumental, o aprendiz se propõe a uma comunicação dentro dessa língua que é estrangeira para ele e que por não ter total domínio dessa nova língua, acaba por recorrer a sua língua materna. O objetivo é fazer com que a tradução seja funcionalmente comunicativa, como no exemplo dado anteriormente. Colaborando para que o leitor preencha as lacunas de sua compreensão, sem que seja necessário traduzir o todo, mas pequenas parcelas do texto.

Cabe advertir que o texto fonte é um aspecto importante dentro dessa abordagem. Teorias mais tradicionais de tradução, como a utilizada no método Gramática e Tradução ou mesmo o do conceito de Equivalência perfeita, ambas presentes em Brown (2000),

consideravam que o texto de partida deveria ser considerado como algo ‘sagrado’, uma vez que não seria permitido que se modificasse ou alterasse nada imposto por ele. A partir da noção de funcionalidade da tradução esse conceito começa a mudar fazendo com que o texto de partida seja apenas parte do processo de se obter uma tradução.

Muito dessa mudança se deu em virtude da teoria dos *skopos* (NORD, 1997) que enxerga o receptor como um elemento importante dentro do processo de tradução. Cacho (2011) afirma que nessa perspectiva para que uma tradução seja realizada com êxito é necessário haver um propósito para ela. Corroboramos com a ideia da autora e acrescentamos que fora dessa viés a tradução corre o risco de ser considerada desinteressante e desmotivadora para o aprendizado de LE, uma vez que essas traduções não fariam sentido para os aprendizes, tornando-se uma atividade mecânica.

Além disso, podemos citar o papel das características culturais e discursivas daquilo que se está traduzindo, como um fator de extrema relevância para a teoria funcionalista de tradução. Pode-se, por exemplo, ressaltar a dimensão pragmática, bem como a adição de componentes ideológicos nas relações de poder que existem dentro da tradução. Isso pode ser visto na sala de aula ao usarmos, por exemplo, textos que mencionem assuntos polêmicos, como religião, sexualidade, política, cultura, que podem ter suas traduções alteradas devido à formação do aprendiz que tramita pelo processo tradutório.

Cacho (2011) advoga ainda que essa abordagem é atualmente uma teoria de tradução de grande importância, visto que foca no contexto comunicativo em que se utiliza a língua. O contexto é o eixo dessa abordagem, pois é o que determina as escolhas textuais para determinada situação. O uso linguístico é “orientado por um propósito, direcionado para um participante específico da comunicação, em determinado lugar, tempo e meio e para atingir determinada função” (CACHO, 2011 p.29).

A TRADUÇÃO PEDAGÓGICA

Pesquisas e estudos (BRANCO, 2002; MARTINS, 2013; SOUZA-CORRÊA, 2014) vêm trabalhando com o uso da tradução sob a ótica pedagógica. Ou seja, com o uso de atividades que envolvam o processo tradutório para que haja aprendizagem de LE, nesse caso específico de língua inglesa. Muito embora o foco do aluno de inglês instrumental não seja dominar todas as habilidades linguísticas, esses estudantes reconhecem a importância destas atividades em suas vidas acadêmicas e em suas áreas de atuação.

De acordo com Souza-Corrêa (2014) para que haja, de fato, uma manifestação de tradução pedagógica em sala de aula de inglês, seja ela geral ou instrumental, é necessário que se sigam dois passos: i) é preciso desconstruir a ideia de tradução perfeita ou total, esse conceito descende ainda do método gramática e tradução que por sua vez teve o estruturalismo linguístico como sua base e ii) é necessário entender que nem todos os processos tradutórios são equivalentes. Essas asserções causam um entrave no processo de aprendizagem dos aprendizes de LE, especialmente na habilidade de leitura.

A tradução pedagógica vem de encontro a abordagem funcionalista e a ideia de leitura interacionista quando prega a tradução como uma “transformação regulada”, como coloca Souza-Corrêa (2014). Esse novo conceito faz com que as atividades utilizadas, por exemplo, por professores de inglês instrumental passem a levar em consideração as especificidades que cada contexto possui, seja ela de ordem acadêmica, cultural ou social.

É importante mencionar também que essa ideia de unir a tradução pedagógica e a abordagem funcionalista nasceu a partir dos modelos da teoria dos escopos desenvolvida por Vermeer (1992) que menciona a tradução como sendo um processo de transladação de um texto fixo, permanente e reaccessível em um texto-alvo controlável e corrigível em determinada língua. Isso quer dizer que a proposta sugere que os alunos de inglês instrumental possam, de fato, através das revisões de textos e do uso de estratégias de leitura, perceber a

flexibilidade que o texto escrito possui levando em consideração seu contexto social e cultural, além do pragmático.

Em segundo lugar é necessário que o leitor de língua estrangeira, nesse caso os de inglês instrumental, possam também refletir sobre suas traduções, levando em consideração aspectos, além dos linguísticos, para realizá-las. Para Souza-Corrêa (2014) isso elevaria o ato de traduzir ao patamar de quinta habilidade, e como tal, poderia ser uma aliada da leitura, foco de nosso artigo. Traduzir sem suas devidas adaptações reguladas é algo impensável atualmente, mesmo para aqueles que não se interessam pela língua como um fim, mas um meio.

Ainda dentro do conceito de tradução pedagógica, existem várias modalidades de como se trabalhar com essa nova ideia em sala de aula. Entretanto, focamos aqui apenas em como se trabalhar com textos escritos. Klein & Barlen (1998) advogam que em contexto de tradução escrita, foco do ensino de inglês instrumental, o ideal seria trabalhar com traduções de textos de LE para língua materna. Os autores explicam que isso se daria pelo fato desses alunos terem baixo nível linguístico em LE, dando a oportunidade para que eles possam introduzir o uso tradutório em um nível menos avançado.

É importante ressaltar que apesar do processo tradutório em si o leitor deve focar no processo de revisão textual fazendo as devidas adaptações daquilo que possa ter passado despercebido na primeira versão do texto. Se faz necessário, também, dentro das traduções de textos escritos uma análise prévia do que se está tentando traduzir. De acordo com Celani (2002) esse processo leitor de *skimming*, buscando informações gerais sobre o texto, alia-se ao processo tradutório para compreender o lugar sociocultural daquele texto.

Acerca disso, Souza-Corrêa (2014, p. 12) afirma que:

O tradutor precisa saber de onde vem e para onde vai o texto, quais os efeitos pretendidos etc. para poder fazer suas escolhas de forma adequada e mais consciente. Assim, ampliar as possibilidades de concretização da atividade tradutória através da exploração do que pode ou não funcionar como um texto

traduzido aceitável pelos leitores pretendidos permite que exercícios de tradução de textos sejam utilizados em todos os níveis de proficiência em LE.

A partir de nossa experiência pessoal, enquanto professores de inglês instrumental, tanto na rede pública, quanto na privada, podemos perceber que a tradução pedagógica alcançou seu espaço no cotidiano das salas de aula de LE, seja pela dificuldade linguística ou por razões metodológicas. Acreditamos que o uso de atividades escritas que envolvam o ato tradutório seja a maneira mais simples e efetiva para que os alunos possam conseguir compreender melhor o que se lê. Todos esses aspectos aliados geram uma perspectiva leitora mais abrangente, crítica, como veremos a seguir.

TIPOS DE TRADUÇÃO E LEITURA CRÍTICA

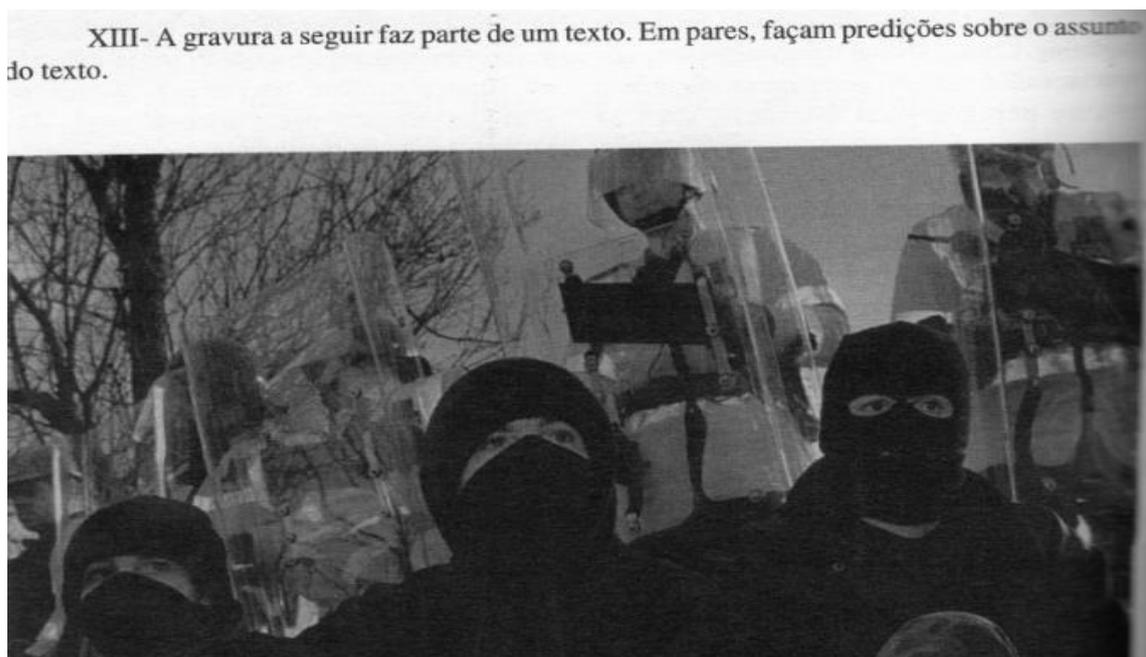
A leitura crítica une aspectos do processo interacionista de leitura a elementos culturais, sociais e políticos, assim como os estudos de tradução dentro da teoria funcionalista de Nord (1997) e das atividades de tradução pedagógica de Lavault (1985). Essa união parte desde elementos mais explícitos, como o uso de atividades que exigem a interação entre aprendizes, até aspectos mais implícitos como o contexto social e cultural em que esses estudantes estão inseridos.

Primeiramente, tanto a leitura crítica quanto os estudos de tradução funcionalista e pedagógica exigem que o aprendiz possua uma visão do texto como um todo. A exemplo, podemos citar o estudo de um texto, em língua inglesa, que envolva aspectos particulares de um país que detêm essa língua como nativa. É requerida dos docentes uma ampla abordagem acerca do conteúdo do texto, dando pouco espaço para detalhes meramente estruturais.

Na figura 2, a seguir, podemos perceber a presença de dois grupos de personagens caracterizados, um com uma farda militar ou policial e outro com máscaras, ambos aparentemente do sexo masculino. Mesmo que o aluno não tenha familiaridade com a LE em questão, ele perceberá que se tratam de policiais armados e de um outro grupo que pode ser de

rebeldes ou mesmo de terroristas. A figura 2 (MUNHOZ, 2010, p. 18) demonstra que além de saber decodificar as palavras em LE, isto é, conhecer os seus sentidos, far-se-á necessário atentar para os sentidos pragmáticos-culturais-ideológicos que transparecem na imagem. Vemos ainda um enunciado que instrui o leitor a tentar entender o texto antes mesmo de ler o seu conteúdo, focando em uma estratégia de leitura – a predição. Dessa forma, o manual faz uso desse conceito de leitura crítica ao demandar que seu leitor entenda o contexto sociocultural que aquela imagem traz. Ao mesmo tempo, a autora utiliza aspectos do funcionalismo pedagógico da tradução ao elencar atividades que vão para o além linguístico estrutural e compartilham também dessa carga social e cultural.

Figura 2 – Policiais e mascarados



(MUNHOZ, 2010, p. 22)

Um segundo fator convergente entre as duas teorias é o chamado propósito. Tanto o aprendiz que está lendo, seja em língua materna ou LE, quanto o estudante que está traduzindo necessita de um propósito. Dentro do ensino de Inglês Instrumental isso acaba se maximizando, uma vez que traduzir só terá o efeito desejado se a razão dessa tradução for a aproximação do leitor/tradutor com o conteúdo do texto.

Podemos citar como exemplo, o caso de um docente que ministra a disciplina de Inglês Instrumental no curso de Licenciatura em Educação Física, área em que muitos estudantes supostamente não têm interesse por língua inglesa. Ao utilizar textos do tipo *abstracts*, feitos por colegas de turma desses alunos que já tenham apresentado seus trabalhos de conclusão de curso, percebe-se que o interesse em saber o conteúdo dos textos cresce muito, principalmente devido ao interesse comum sobre os assuntos abordados, como atividade física, esportes radicais, dieta alimentar, dentre outros. Além disso, a aproximação entre leitor e autor, uma vez que, ao interpretar os textos, os alunos tem ideia de quem os criou, passa a ser fator motivador, durante a leitura. O propósito da leitura/tradução, dessa forma, se torna evidente para eles.

Encontramos no material didático de Souza et al (2010) outro exemplo que demonstra o propósito ao se utilizar a tradução junto a leitura. Na atividade em si a autora pede que os leitores façam a tradução de prefixos e sufixos constantes nas frases do exercício. Entendemos que ao fazer isso o material aborda o traduzir de forma mais funcional e pedagógica justamente por não deixar essa tradução ser feita de forma solta ou aleatória.

Figura 3 – Prefixos e sufixos

3 Todos os vocábulos sublinhados nos trechos abaixo, retirados do texto, contêm prefixos e/ou sufixos. Classifique e traduza-os de acordo com os significados que expressam, utilizando o quadro que segue:

PREFIXOS: (R) repetição (N) negação
SUFIXOS: (S) substantivo (Ad) Advérbio de modo
 (AC) adjetivo na forma comparativa (AS) adjetivo na forma superlativa

- The museum declined to disclose how much it paid for "The Torment of Saint Anthony" ...
- Only four such works (...) by the artist exist, and two of them are unfinished.
- "This is one of the greatest rediscoveries in the history of art"....
- The evidence could not be stronger.

(SOUZA et al, 2010, p.14)

Outro ponto que se assemelha entre esses dois campos de estudo diz respeito à interação leitor-autor. O exemplo dado anteriormente sobre os *abstracts* também ressalta essa importância, uma vez que, ao saber quem escreveu o texto os alunos potencializam suas interpretações/traduições. A tradução passa a ser enxergada como um suporte para que se

criasse um ambiente em que o aprendiz exerce um papel ativo perante o texto. Assim, ao criticar o trabalho de colegas, há, efetivamente, essa interação proposta pela leitura crítica, possível apenas pelo uso funcional da tradução.

Um novo exemplo, que representa uma conversão entre as abordagens citadas ao longo desse trabalho, versa sobre o uso dos resumos em sala de aula. Souza *et al* (2010) em seu material didático de Inglês Instrumental se utiliza desse recurso a todo o momento e afirma que esse artifício desenvolve nos alunos uma leitura crítica acerca dos conteúdos. Corroboramos com a ideia da teórica e acrescentamos que esse também é um recurso de tradução e que deve ser utilizado por todos os docentes de língua inglesa, principalmente aqueles de contexto instrumental Atkinson (1993).

Acerca disso, Araújo (2002) traz em várias passagens de seu manual de inglês instrumental, o uso de resumo. Para além de seu uso dentro de atividades de proposição de tradução, a autora descreve, resumidamente, como o leitor deve fazer um resumo. Dessa forma, mais uma vez temos o uso interligado da leitura crítica aos aspectos de tradução funcional e pedagógica. Um dos aspectos mais opacos de convergência entre os dois campos de estudo que estamos abordando aqui, talvez seja a interação com o outro. A tradução dentro do Método de Gramática e Tradução era uma atividade realizada sozinha. O aprendiz traduzia lista de palavras e expressões que utilizaria para fazer suas traduções, provavelmente essa opacidade descenda dessa perspectiva. Contudo, a atividade de leitura em sala de aula de Inglês Instrumental e, conseqüentemente, a tradução é melhor realizada quando feita em grupo ou duplas.

Frinese (2011) coloca que isso se dá quando o aprendiz está em contato com o seu semelhante, ele explora diferentes possibilidades de leitura. As mensagens que são veiculadas em um texto podem estar implícitas ou explícitas dependendo do leitor. Ao se colocar vários leitores juntos para fazer essa interpretação, a tradução se dará de uma forma mais

naturalizada, uma vez que, haverá uma junção de vocabulários bem como de pontos de vista diferentes do mesmo conteúdo. Acreditamos que essa prática, além de facilitar o processo de tradução dentro da sala de aula de Inglês Instrumental, desenvolve nos alunos a capacidade de pensar sobre a mensagem do texto.

O último elemento a ser abordado nesse trabalho diz respeito aos aspectos culturais. Apesar de conter elementos bem subjetivos, o contexto cultural é uma característica que se encontra também nessas teorias. O aprendiz que possui uma carga de leitura maior, ou seja, tem o hábito de leitura e condições socioeconômicas de estar constantemente em contato com a LE, consegue tanto traduzir funcionalmente quanto fazer uma leitura crítica do conteúdo, o que consideramos relativo, dependendo da motivação que esse estudante detenha.

Munhoz (2010) aborda a cidade do Rio de Janeiro, em seu material didático, apresentando elementos da cultura e da geografia daquela cidade. Se pensarmos na abordagem funcionalista de tradução o elemento cultural deveria ser levado em consideração antes da leitura, pois, expressões como ‘Gávea’ e ‘Urca’ bairros típicos da cidade, poderiam ser interpretadas de formas diferentes, caso não fossem passadas essas informações para eles. Exige-se, portanto, que o professor, especialmente em contexto de Inglês Instrumental esteja consciente da utilização de uma tradução mais contextualizada, mais funcionalista, em prol de uma leitura mais completa, verdadeiramente crítica.

Ainda nessa mesma passagem do manual, citado acima, encontramos o uso direto da categoria de tradução Interlingual apresentada por Jakobson (1957). Isso se confirma como algo bem comum, já que essa categoria é a mais utilizada principalmente por leitores instrumentais de LE. Dessa forma, percebemos o uso da categoria, ou seja, a tradução da expressão cidade maravilhosa para *Marvelous city*, apelido pelo qual os cariocas chamam seu estado. A imagem a seguir traz essa passagem.

Figura 4 – Cidade maravilhosa

forest in the world. The forest plunges down the mountains to the city's stunning lagoons and sandy beaches lining miles of open ocean. Little wonder Rio's nickname is the "Marvelous City".

(ARAÚJO, 2002, p.56)

É necessário ressaltarmos que todos os materiais de Inglês Instrumental aqui mencionados foram selecionados principalmente por sua cronologia. E mesmo o mais antigo deles, Araújo (2002) já portava aspectos que envolviam a perspectiva de leitura crítica aliada aos tipos de tradução. Já os outros dois materiais, Munhoz (2010) e Souza et al (2010), apesar de serem do mesmo ano de publicação possuem suas singularidades. Aquele foi desenvolvido para cursos técnicos da área de tecnologia e construção civil para alunos do sistema S de ensino (SENAI, SESI, SESC) dentre outros. Já o último foi desenvolvido para estudantes em nível universitário que pretendiam estudar a língua inglesa apenas a nível instrumental. Ambos fizeram uso dos conceitos das duas teorias trabalhadas nesse artigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos, com esse trabalho, um diálogo entre o processo interacional de leitura, mais especificamente o processo de leitura crítica que envolve aspectos culturais, sociais e políticos com a teoria funcionalista de tradução, que enxerga a tradução como meio para se entender o além escrito e a tradução pedagógica. Para isso levamos em consideração aspectos semelhantes das teorias enxergando nesse encontro um recurso para o ensino e aprendizagem de LE, nesse caso de inglês em contexto instrumental.

Admitimos que essas corrente teóricas compartilham muitos aspectos, desde elementos como a interação entre o leitor e o autor do texto, partindo para o propósito que o leitor e o autor têm, até aspectos culturais e de ordem social. Percebemos que essas teorias

não ignoram a estrutura da língua, como, por exemplo, a atenção aos aspectos gramaticais. Contudo, nenhuma delas enfatiza esse elemento como o mais importante, apenas como um suporte para a compreensão geral do texto lido.

Alertar sobre a importância que essas correntes carregam para o ensino de Inglês Instrumental nos parece emergencial. Tanto a leitura crítica, quanto a abordagem funcional e pedagógica da tradução trabalham na perspectiva de fazer com que o aluno pense sobre o seu processo de aprendizagem e leitura. Encorajando-o, de certa forma, a buscar seu próprio conhecimento, seja através do uso de resumos de texto ou mesmo na forma da aproximação com o autor do texto. O importante é que o aprendiz seja protagonista de seu conhecimento.

Nossa proposta almeja incentivar os alunos a compreender o mundo complexo da tradução, dispondo de formas de enxergar e avaliar um texto em LE dentro de um contexto de produção, no qual os alunos façam uso não somente de aspectos linguísticos, mas também daqueles pragmáticos.

Admitimos que nosso estudo está inserido no universo dos estudos bibliográficos, e com isso acreditamos que outros estudos e pesquisas sobre o tema se fazem necessários para que outros métodos ou adaptações dos já existentes sejam mais eficazes.

REFERÊNCIAS

ATKINSON, D. The mother tongue in the classroom: a neglected resource? **ELT Journal**, v. 41, n. 4, October, 1993, p. 241-247.

ARAÚJO, A.D. **Inglês instrumental: caminhos para a leitura**. Piauí: Alínea, 2002.

BRANCO, S. Linguística, tradução e estudos culturais. In: **Eutonomia – Revista de Literatura e Linguística**. Recife: UFPE, 2011.

BROWN, H. D. **Teaching by principles: an interactive approach to language pedagogy**. Prentice Hall Regents, 2000.

CACHO, M. B. **Análise das estratégias de tradução em textos traduzidos do Inglês para o Português por aprendizes do curso de Letras da UFCG**. Campina Grande, 2011. 200f. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) - Universidade Federal de Campina Grande- UFCG.

- CASTELA, G.S. Leitura e novíssimas tecnologias na prática docente. *In: Linguagens em Interação II: Leitura e Ensino de Línguas*, EDUC, São Paulo, 2009.
- CARRELL, P. Schema theory and ESL reading pedagogy. *In: TESOL Quarterly* 18, p.553-573, 1983.
- CELANI, M. A .A .et al. **The Brazilian ESP Project: an evaluation**. São Paulo: EDUC, 2002
- FRISENE, P. D. R. Crenças de alunos de um curso técnico sobre o papel da tradução no ensino instrumental de línguas. *In: Horizontes de Linguística Aplicada*. Ano 10, n. 1. Brasília, 2011.
- JAKOBSON, R On Linguistics Aspects of Translation. *In: VENUTI, L. The translation Studies Reader*. London: Routledge, 1959.
- LAVAUULT, E. **Fonctions de la traduction en didactique des langues. Apprendre une langue en apprendre á traduire**, Collection Traductologie, 2. Paris: Didier Erudition, 1986.
- LEFFA, V. J. Perspectivas no estudo da leitura; Texto, leitor e interação social. *In: LEFFA, Vilson J.; PEREIRA, A.E. (Orgs.) O ensino da leitura e produção textual; Alternativas de renovação*. Pelotas: Educat, 1999. p. 13-37.
- LUPO, S. M.; STRONG, J. Z.; LEWIS, W.; WALPOLE, S.; MCKENNA, M. C. Building Background Knowledge Through Reading: Rethinking Text Sets. *In: Journal of Adolescent & Adult Literacy* Vol. 61 No. 4, 2018.
- MARTINS, S. B. **Categoria de tradução no livro didático de inglês instrumental: uma perspectiva funcionalista**. 2013.142 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino), Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2013.
- MARCUSCHI, L.A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 3ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MONTEIRO, V. **Ensino de Leitura em Língua Estrangeira: Contribuições de uma prática reflexiva**. João Pessoa, 2003. 113f. Dissertação (Mestrado em Letras). Área de Concentração: Linguagem e Ensino- Universidade Federal da Paraíba.
- MUNHOZ, R. **Inglês Instrumental: estratégias de leitura**. Módulos I. São Paulo: Texto Novo/CEETEPS, 2004.
- NORD, C. **Translating as a Purposeful Activity**. Manchester: St. Jerome, 1997.
- PORFÍRIO, L. **Um estudo sobre a relevância dos padrões lexicais para a interpretação de textos por meio da extração de informação**. Cascavel: UNIOESTE, 2006. Dissertação (Mestrado em Letras -Linguagem e Sociedade) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná.
- PAIVA, V.L. M.O. Desenvolvendo a habilidade de leitura. *In: Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas*. São Paulo: Parábola, 2009.
- SEVILLA-MORALES, H. Effects of scaffolded intensive reading on students' reading comprehension performance. *In: Revista Actualidades Investigativas en Educación*. vol.17 n.1 San José Jan./Apr. 2017.
- SHÄFFNER, C. Translation and intercultural communication: similarities and differences. **Studies in Communication Sciences**, Birmingham, n. 3/2, p. 79-107, 2003.
- SOUZA-CORRÊA, E.F. Sobre a necessidade da tradução pedagógica na aula de língua não materna: quinta habilidade e macroestratégias. **Rev. de Letras - NO. 33 - Vol. (2) –pág 53-64 jul./dez. - 2014**
- SOUZA, A. *et al.* **Leitura em língua inglesa, uma abordagem instrumental**. 2. ed. São Paulo: DISAL, 2010.

VERMEER, H. Is translation a linguistic or a cultural process?. **Ilha do Desterro A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies**, [S.l.], n. 28, p. 037-051, jan. 1992. ISSN 2175-8026. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/8750>>. Acessado em 04 de abril de 2018.

VIEIRA, L.C. **Inglês Instrumental**. Fortaleza, Ed. UFC, 2000.

Recebido em: 15/05/2018

Aceito em: 23/10/2018